

Qīngmíng – A Pura Claridade

Italia Bonadio

Resumo: *Este artigo se propõe a fazer a tradução e a análise do poema Qīngmíng 清明 escrito pelo poeta Du Mu durante a dinastia Tang. A poesia chinesa tem sido pouco difundida entre os falantes de Português e muitas vezes encarada como simplista e pobre. A análise se utilizará de conceitos contemporâneos de literatura, o objetivo é fazer com que leitores atuais entendam e possam sentir prazer ao ler a poesia clássica chinesa no momento em que perceberem os recursos que eram utilizados e suas redescobertas ou reaproveitamentos no mundo moderno acidental.*

Palavras-chave: *Du Mu, Poesia Chinesa, Dinastia Tang*

O poema *A Pura Claridade*¹, escrito por Du Mu (803-852), possui várias características da poesia tradicional feita durante a dinastia Tang (618-907), embora seja um pouco diferente daquilo que hoje possui maior difusão como característico daquela época. Como nos diz Lin Yutang, Du Mu integra o grupo de poetas que procura a “sobriedade na arte”, através da expressão de uma “ternura e resignação, melancólica sem azedume, pregando a alegria interior e o amor ao próximo, especialmente do pobre e do oprimido, visando inculcar o ódio à guerra.” (1945, p. 237). Essa poesia não possui elementos satíricos, com os quais na época se constituiria a crítica, mas faz este tipo de reflexão sem que seja necessário, porém, abandonar os elementos de beleza natural. Estes por sua vez estão presentes entre os vários grupos de poetas da mesma época e de épocas anteriores, se constituindo como um valor tradicional que será posteriormente mantido até a modernidade.

1 O termo *qingming* 清明 refere-se ao dia dos mortos, comemorado no 15º dia após o equinócio de primavera, aqui optei por um significado literal das palavras, isso para que a festividade, dotada de tamanha tradição e particularidades em sua comemoração, não seja simplesmente associada a outras comemorações ocidentais. Algumas das práticas mais comuns durante as comemorações são a limpeza dos túmulos, oferecimento de comida junto a eles, além de queimar dinheiro de mentira ou representações de papel de bens materiais para que estas sejam levadas aos céus junto com a fumaça.

A poesia chinesa tradicional se apresenta como uma pintura, deste modo carrega inúmeros aspectos desta outra arte em sua composição. Um destes aspectos é a condensação de elementos. Com uma descrição breve e objetiva da cena o poeta pinta um quadro figurativo, assim sendo, pode-se descrever *A Pura Claridade* como um homem sob a chuva incessante ao lado de um pastorzinho com uma vila florida ao fundo e estendendo ao máximo a descrição poder-se-ia ver algum elemento que remetesse ao dia de finados. Essa condensação poderia ser descrita como uma técnica impressionista, a qual foi também usada durante o modernismo ocidental²: apresentam-se imagens fortes atingindo o leitor de modo que este não possa esquecê-las, assim o poema foge da simples figuração, provocando uma necessidade de compreensão exterior à obra. Neste método o poeta orienta o pensamento do leitor através de sugestões para criar um estado de espírito, uma postura emocional determinada. Possivelmente, na sociedade da época, a qual compartilhava dos mesmos valores e saberes, as finalizações de sentido fossem óbvias; hoje, porém, por mais que este ensaio procure encontrá-las de formas lógicas ou emocionais, as finalizações, infelizmente, se parecem muito mais com especulações simplistas sobre o tema. Entretanto, se essas especulações, na tentativa de recuperar a intenção do autor, não forem feitas, o poema tornar-se-ia simplesmente uma pintura grafada com letras (carácteres, ideogramas), que recebendo este tipo de tratamento enfeitará paredes de clínicas médicas sem necessariamente pertencer ao mundo da arte.

Em seu processo de composição, o poeta esforça-se para ser sucinto e inconclusivo (no sentido de não dar as respostas visivelmente). Porém, as imagens não são simplesmente jogadas, possuem uma ordem, que corresponde à de sua aparição no texto e que na pintura corresponderia aos efeitos de perspectiva³ os quais direcionam o olhar para cada um dos elementos do quadro também em ordem, dependendo da ênfase dada pelo artista. Desse modo, em *A Pura Claridade*, os olhos do apreciador são levados primeiro aos efeitos do ambiente produzidos pela chuva, que criam um clima incômodo, dentro do qual aparece a figura de um viajante, provavelmente fragilizado pelo ambiente, pois, necessita da ajuda de uma criança para encontrar o caminho da taberna que fica ao longe na vila coberta de flores. Com a perspectiva a pintura torna-se uma narrativa exatamente

2 É interessante notar como algo tão tradicional como este Impressionismo possa ser usado como técnica renovadora a posteriori, concentrando objetivos tão distantes da aura de paz produzidas pela poesia chinesa, mas ainda com o desejo de imprimir uma imagem inesquecível; talvez para esse efeito haja alguma influência das “cores”, dos tons.

3 Perspectiva é um modo de representar os objetos em duas dimensões de modo que pareçam estar em três dimensões; assim, as representações adquirem noções de proximidade e distância e de tamanho.

como o poema, os dois, porém, diferenciam-se de uma narrativa feita pela prosa, já que se observa a ausência dos elementos textuais que promoveriam a coesão. A fragilidade do viajante se faz não somente pelo ambiente ainda frio de início de primavera, mas pela comemoração do período de homenagens aos ancestrais, o qual é responsável pelos pressupostos compartilhados entre os leitores, e leva a elucubrações sobre o trajeto deste homem: estaria ele indo ou voltando das sepulturas de seus antepassados? Estaria longe demais de sua terra natal para que pudesse prestar as homenagens? Ou até mesmo se teria uma família para quem prestar essas homenagens.

Dentro da estrutura da narrativa temos o tempo bem determinado (o do festival da pura claridade), assim como o local (paisagem campestre chuvosa próxima a uma vila), os personagens (viajante e o menino pastor) e a ação (pedido de informação); assim, mostram-se todos os elementos necessários para a composição de uma narrativa. Esta, feita em apenas quatro versos, parece ser uma única sentença que se utilizaria principalmente de advérbios para sua composição: no primeiro verso há o tempo (清明时节 *qīngmíng shíjié*) e a intensidade dos fenômenos naturais (纷纷 *fēnfēn*); no segundo verso há a apresentação do personagem (não configurando, porém um advérbio; o qual aparece no modo em que este personagem está 欲断魂 *yù duàn hún*); no terceiro verso há um advérbio de interrogação (diferenciando-a de um questionamento comum e introduzindo a noção de polidez; no quarto e último verso o sujeito da frase em discurso indireto traz a noção de companhia (牧童 *mùtóng*) que é responsável por apontar a referência de lugar (杏花村 *xìnghuācūn*). Essas noções adverbiais são aqui configuradas como tais devido à ação (verbo) mínima proposta, que ganha sua riqueza diante dos elementos que a transformam.

Além da parte formal, a narrativa, trabalhando sobre o aspecto de perspectivas extremamente condensadas, como na pintura, produz a noção de foco, diante da qual, pequenas partes vão ganhando sentidos diante do todo. A paisagem da chuva e o dia dos mortos são um grande cenário, sem o qual o viajante na estrada pedindo informações não ganharia sentido, nem sentimentos, muito menos o ambiente pareceria tão melancólico. Este homem possivelmente está triste pelos seus ancestrais mortos e busca o álcool para transformar esse sentimento e para esquentar-se diante da chuva que cai. Não há a certeza, porém, de que o álcool aqui será usado para consumo do viajante quem poderia simplesmente usá-lo como oferenda aos seus ascendentes mortos. Seguindo este modo de pensar, vale a pena questionar também o nome “casa de/o vinho”, o qual pode ser uma alusão genérica para um estabelecimento no qual se vende uma grande diversidade de suprlmentos, ou até mesmo uma hospedaria.

O que se deve perceber na narrativa é que tanto a natureza, como o viajante, possuem um único sentimento, ou seja, a descrição do ambiente é também a descrição dos sentimentos da personagem. A chuva é, então, a tristeza que não finda deste transeunte. Ao observar a adjetivação desta chuva como 纷纷 *fēnfēn* tem-se uma expressão, cuja uma das traduções seria “confusa”, e desse modo, não só o homem recebe as características do mundo natural, mas a natureza também é adjetivada com características humanas. A prosopopeia formada no duplo sentido do final do primeiro verso mostra, então, o quanto o personagem principal está perdido, confuso, naquela situação. Esse sentimento é certamente intensificado quando ele dirige sua pergunta a uma criança: aquele que nada deveria saber possui maior experiência e conhecimento local. Assim, também, levando ao extremo, um adulto que possui maior vivência está lidando muito mais dolorosamente com a morte representada pelo dia do festival que o menino, o qual se limita a continuar pastoreando sendo a chuva e a data encaradas como naturais.

Após ganhar uma nova significação diante da paisagem e diante do pastor, o viajante ganha ainda uma terceira significação diante da vila a distância. Uma vila que está cheia de flores de damasco, as quais apesar de delicadas também enfrentam a chuva e sobrevivem bem a ela. Através da indicação feita pelo menino, a serenidade contida nas flores parece um caminho puro e sábio a ser seguido por aquele que está viajando, simplesmente um bom local para chegar. A chuva para as árvores não é mais um mal que atormenta, mas um período natural que assim como o sol nutre as damasqueiras para que produzam flores e frutos e continuem alimentando os seres. Do mesmo modo o fruto dos humanos, o menino, alimentou com respostas o viajante e por sua postura pode-se concluir que ele é uma semente, mais calma, que compreende o ciclo, o qual, em sua pureza, vê como algo simplesmente natural. A relação com a natureza muda conforme os personagens, misturam-se confusão e serenidade, a chuva “praga” e a chuva “benção”. A clara resposta do pastorzinho e sua intimidade com a vila demonstra ainda outra intimidade, esta com as tradições locais. O dia dos mortos é deste modo parte do ciclo e não necessariamente uma época para melancolia ou dor. A distância, o desconhecimento da vila pelo transeunte, por oposição, configuraria sua distância da paz que ela evoca e no caso de o álcool não ser uma oferenda, também há certa distância dos costumes a serem seguidos. Portanto, pode-se notar que através do foco que se move com a noção de perspectiva, as personagens vão ganhando sentido diante da paisagem e configurando-se como portadores de sentimentos, crenças e pressupostos na narrativa lírica.

A temática do viajante trás certo ar de epopeia ao poema, neste, do mesmo modo que nas obras gregas e até mesmo na obra de Camões o ‘herói’ é obrigado

a lidar com as intempéries do clima que sempre atrapalham as viagens e, também, com os elementos da tradição que se opõem às modernidades. Embora o poema seja conciso e não contenha muitas descrições, como fazem as obras clássicas ocidentais, existem semelhanças com a *Divina Comédia* de Dante, por exemplo, uma viagem a pé de um indivíduo que não tem só problemas com o caminho da viagem, mas também com o caminho da vida. Há nessas obras sempre a presença de um ser que está cercado de uma suposta sabedoria, em *Os Lusíadas*, por exemplo, há o *Velho do Restelo*, que se opõe a viagem de Vasco da Gama na tentativa de manutenção da mentalidade agrária feudal em oposição ao expansionismo e às grandes conquistas, argumentando, com certa razão, as desgraças e mortes que ocasionarão os viajantes. Essa personagem pode ser interpretada como anacrônica, de modo que visa frear o desenvolvimento, mas por outro lado, sua sabedoria aparece quando questiona que tipo de melhorias as modernidades poderiam trazer. A presença dessa figura de suposta sabedoria na personagem do pastorzinho ainda menino faz com que este diante das tradições possa ser visto como mantenedor por estar pastoreando e cuidando dos serviços do campo; ou como uma séria ruptura, já que trabalha durante os dias do feriado. Um trabalho, porém, que deve ser feito, não em busca de um futuro glorioso, mas somente seguindo o ciclo da vida, pois alimentar o gado é um cuidado necessário para que este não morra. No caso do pastor ser visto como mantenedor da cultura é interessantíssimo que a personagem tenha pouca idade, pois representa o reconhecimento da cultura pelos mais jovens e configura a personagem principal realmente como uma espécie de desertor. O mais interessante de se notar, porém, é que a cultura anterior necessita da atividade jovem para sua manutenção e não só como hábito, mas como crença. Desse modo, além dos rituais, o próprio valor da arte na sua tradição seria dependente da educação dos novos pastorzinhos apontadores, conhecedores dos pressupostos sociais, da cultura.

Um dos pressupostos desse menino integrado à tradição seria a consciência de que o dia dos mortos descrito no poema acontece durante a primavera chinesa e da mesma maneira que descrita anteriormente sobre a chuva, faz com que o luto não seja algo triste, mas natural e que carrega uma mensagem do renascer, da continuidade do ciclo. Há nesta figura o verdadeiro *Carpe diem*, que em poetas como *Alberto Caeiro*, heterônimo de *Fernando Pessoa*, faz-se necessário justificar o tempo todo como filosofia de vida, já que o tempo e o modo de vida das pessoas são outros, porém em *Du Mu* é simplesmente natural, sem necessidade de se justificar. As oferendas então são necessárias para que haja respeito, assim também como são necessários o luto e a chuva que não para de cair, porém, não é necessário que esta chuva seja confusa e nem que os descendentes dos mortos

estejam inquietos, pois todos esses fatos fazem parte da naturalidade das coisas. Com esses ensinamentos a poesia chinesa e arte em geral nesta nação, adquirem uma função religiosa, não de pregar algo, mas para trazer paz e prazer à alma humana. Essa noção religiosidade é feita através de uma união panteísta com a natureza que mostra que todos os seres estão sujeitos a um ciclo e assim produz a aprendizagem através da experiência alheia e uma conseqüente compaixão por aquele que é igual a você. Há nesta relação uma alteridade constitutiva do sujeito, pois aquilo que é externo (mundo natural ou experiência de outras pessoas) passa a construir o indivíduo.

O elogio da tradição com sua compaixão por aqueles que retornam a ela não é um simples detalhe, o poeta Du Mu como todo poeta chinês desta é um intelectual, que teve que aprender muito da tradição de costumes populares e eruditos para alcançar a condição de poeta. A percepção do mundo com a naturalidade e a beleza feita pelo poeta nesses quatro versos demonstra um poder de “cristalização da sensibilidade” (LIN, 1945, pp. 227) que não se pode conquistar sem a inserção na cultura erudita chinesa da época. A sensibilidade da visão exige sim que o leitor a complete, o poema não contém a análise e, portanto, não possui nenhuma garantia de que ela realmente será realizada, o leitor pode sentir somente uma paz inexplicável por qualquer raciocínio lógico e jamais chegar a pensar nas implicações de um viajante durante o dia dos mortos. Dentro da cultura chinesa, os pensamentos evocados pelo poema não são verdadeiramente reflexões, são sensações que partem de qualquer parte do tronco do corpo, mas, definitivamente, não do cérebro. Obviamente as sensações são incitadas e não citadas, narradas, existe somente a sugestão e os efeitos que um fato qualquer poderia ter provocado (a chuva no dia dos mortos e a confusão do sujeito representam a aura deste dia como provocadora da postura do viajante, quem está sofrendo sensações as quais devem ser supostas pelos leitores). O texto não seria destinado à população comum, claro que ele pode circular de boca em boca, mas o maior público são aqueles que são letrados como o poeta, é a eles que é dirigida a crítica e o conselho de procurarem o mundo das tradições, do que é natural, verdadeiro e se mantém distante da agressividade, não de uma forma moralista, mas com um ar compreensão, de sabedoria.

O fato de o personagem adulto ser um viajante, um transeunte também não pode passar despercebido. O caminhar que também seria um movimento natural do ser humano o coloca em oposição às tradições, possivelmente por em seu caminho ter entrado em contato com outros saberes que fez com que questionasse os primeiros. Chegando ao final do poema não se consegue concluir se este viajante está ou não longe de suas tradições ou se vai ou não retornar a elas.

Resta como sensação a paz produzida pela descrição do ambiente e um leitor tão confuso quanto o transeunte que, em contato com seu poema-pastor, o qual deveria conduzi-lo às respostas como faz com as ovelhas, limita-se a apontar, deixando que o leitor continue sem respostas claras a não ser a manutenção dos ciclos biológicos. Estes certamente ainda constituem uma vila florida confortável o suficiente para os que retornam.

A Pura Claridade⁴

No dia da Pura Claridade, a chuva caía, caía⁵

na estrada um viajante com a alma partida.

Poderia perguntar onde há uma taberna⁶

O pastorzinho⁷ aponta as flores de damasco no
[povoado distante.

清明

清明时节雨纷纷

qīngmíng shíjié yǔfēnfēn

路上行人欲断魂。

lù shàng xíng rén yù duàn hún

借问酒家何处有，

jiè wèn jiǔ jiā hé chù yǒu

牧童遥指杏花村。

mù tóng yáo zhǐ xìng huā cūn

Referência

LIN, Yutang, “Poesia” In: *Minha Terra e Meu Povo*, tradução de Carlos Domingues. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1945, pp. 224-240.

4 Devido “Pura Claridade” ser um nome de festival específico, preferiu-se colocar o artigo “a” como sinalizador de um substantivo determinado.

5 A repetição do verbo cair procura imitar a estrutura chinesa e dar ideia de continuidade.

6 Já que o verso anterior possui ponto final, separando sujeito de predicado, preferiu-se colocar a interrogativa em discurso direto, como se houvesse um travessão.

7 O diminutivo em Português evoca as palavras ‘pastor’ e ‘criança’ da língua original.